



COMPANHIA DAS LETRAS

YUVAL NOAH HARARI

**NA BATALHA
CONTRA O
CORONAVÍRUS,
FALTAM LÍDERES
À HUMANIDADE**

BREVE COMPANHIA | ENSAIO

YUVAL NOAH HARARI

Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade

Tradução
Odorico Leal



COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade

Sobre o autor

Créditos

Muitas pessoas culpam a globalização pela epidemia do coronavírus e afirmam que o único jeito de evitar novos surtos dessa natureza é desglobalizar o mundo. Construir muros, restringir viagens, reduzir o comércio. Contudo, embora uma quarentena temporária seja essencial para deter epidemias, o isolacionismo prolongado conduzirá ao colapso econômico sem oferecer nenhuma proteção real contra doenças infecciosas. Muito pelo contrário. O verdadeiro antídoto para epidemias não é a segregação, mas a cooperação.

Epidemias matavam milhões de pessoas bem antes da atual era da globalização. No século XIV, não havia aviões nem cruzeiros, e no entanto a peste negra disseminou-se da Ásia Oriental à Europa Ocidental em pouco mais de uma década. Matou entre 75 milhões e 200 milhões de pessoas — mais de um quarto da população da Eurásia. Na Inglaterra, quatro em cada dez pessoas morreram. A cidade de Florença perdeu 50 mil de seus 100 mil habitantes.

Em março de 1520, um único hospedeiro da varíola — Francisco de Eguía — desembarcou no México. Na época, a América Central não tinha trens, ônibus, nem mesmo jumentos. No entanto, por volta de dezembro uma epidemia de varíola já devastava a América Central inteira, matando, de acordo com algumas estimativas, quase um terço de sua população.

Em 1918, uma cepa de gripe particularmente virulenta conseguiu se propagar em alguns meses pelos cantos mais remotos do planeta. Infectou meio bilhão de indivíduos — mais de um quarto da espécie humana. Estimase que a gripe tenha matado 5% da população da Índia. No Taiti, 14% dos ilhéus morreram. Em Samoa, 20%. Ao todo, a pandemia matou dezenas de milhões de pessoas — chegando talvez a 100 milhões — em menos de um ano. Foi mais do que se matou em quatro anos de batalhas brutais na Primeira Guerra Mundial.

Nos cem anos que se passaram desde 1918, a humanidade se tornou ainda mais vulnerável a epidemias graças a uma combinação de crescimento

populacional e maior eficácia dos transportes. Uma metrópole moderna como Tóquio ou a Cidade do México oferece aos patógenos um terreno de caça muito mais abundante que a Florença medieval, e a rede de transportes global é muito mais rápida hoje do que era em 1918. Um vírus pode realizar a travessia de Paris a Tóquio ou à Cidade do México em menos de 24 horas. Era de se esperar, portanto, que vivêssemos num inferno infeccioso, padecendo de uma sucessão de pragas mortais.

Contudo, tanto a incidência quanto o impacto das epidemias decresceram dramaticamente. Apesar de episódios terríveis, como o da aids e o do ebola, no século XXI as epidemias matam uma proporção muito menor de pessoas do que em qualquer outra época desde a Idade da Pedra. Isso porque a melhor defesa que os humanos têm contra os patógenos não é o isolamento, mas a informação. A humanidade tem vencido a guerra contra as epidemias porque, na corrida armamentista entre patógenos e médicos, os patógenos dependem de mutações cegas, ao passo que os médicos se apoiam na análise científica da informação.

VENCENDO A GUERRA CONTRA OS PATÓGENOS

Quando a peste negra irrompeu no século XIV, as pessoas não tinham ideia do que a provocava e do que poderia ser feito. Até a chegada dos tempos modernos, os humanos geralmente atribuíam as doenças à fúria dos deuses, à ação de demônios malignos ou ao ar malfazejo, e nem sequer suspeitavam da existência de vírus e bactérias. Acreditavam em fadas e anjos, mas jamais imaginariam que uma única gota de água pudesse conter uma armada inteira de predadores mortais. Assim, quando a peste negra ou a varíola fizeram uma visita, a melhor ideia que ocorreu às autoridades foi organizar grandes orações a deuses e santos. Não ajudou. De fato, quando uma multidão se junta para rezar, o resultado costuma ser infecção em massa.

Ao longo do último século, cientistas, médicos e enfermeiros ao redor do mundo compartilharam informações e juntos conseguiram compreender tanto o mecanismo por trás das epidemias quanto os modos de combatê-las. A teoria da evolução explicou como e por que novas doenças se deflagram e velhas doenças se tornam mais virulentas. Os estudos genéticos permitiram que os cientistas espionassem os manuais de instrução dos próprios patógenos. Enquanto os medievos nunca puderam descobrir a causa da peste negra, os cientistas levaram apenas duas semanas para identificar o novo coronavírus, sequenciar seu genoma e desenvolver um teste confiável para detectar pessoas infectadas.

Uma vez que se entendeu o que provoca as epidemias, ficou muito mais fácil combatê-las. Vacinas, antibióticos, hábitos de higiene aprimorados e uma infraestrutura médica muito superior deram à humanidade uma boa vantagem em relação a seus predadores invisíveis. Em 1967, a varíola ainda infectou 15 milhões de pessoas e matou 2 milhões. Mas na década seguinte uma campanha global de vacinação foi tão bem sucedida que, em 1979, a Organização Mundial de Saúde declarou que a humanidade havia vencido e que a varíola fora completamente erradicada. Em 2019, ninguém contraiu a doença.

PROTEGER NOSSA FRONTEIRA

O que toda essa história nos ensina para lidar com a atual epidemia do coronavírus?

Primeiro, sugere que é impossível se proteger fechando permanentemente as fronteiras. Vale lembrar que as epidemias se propagaram rapidamente mesmo na Idade Média, muito antes da era da globalização. Assim, ainda que você reduzisse suas conexões globais ao patamar da Inglaterra de 1348, isso ainda não seria suficiente. Para realmente se proteger por meio do isolamento, o medievalismo não é solução à altura. Seria preciso voltar à Idade da Pedra. Você faria isso?

Em segundo lugar, a história indica que a proteção real vem da troca de informação científica confiável e da solidariedade global. Quando um país é atacado por uma determinada epidemia, deve estar disposto a compartilhar honestamente as informações sobre o surto, sem medo de uma catástrofe econômica, ao passo que os outros países devem ser capazes de confiar naquela informação, dispondo-se a estender uma mão amiga em vez de deixar a vítima no ostracismo. Hoje, a China pode ensinar uma porção de lições importantes sobre o coronavírus para o mundo inteiro, mas isso demanda um alto nível de confiança e cooperação internacionais.

A cooperação internacional é também necessária para medidas eficazes de quarenta. A quarentena e o toque de recolher são essenciais para interromper a propagação da epidemia. Mas quando os países não confiam uns nos outros e cada nação sente que está por conta própria, os governos hesitam em adotar medidas tão drásticas. Se você descobrisse cem casos de coronavírus em seu país, você isolaria imediatamente cidades e regiões inteiras? Em boa medida, isso depende do que você espera dos outros países. Paralisar cidades pode levar ao colapso econômico. Se achar que os demais países virão em seu socorro, você se sentirá mais disposto a adotar essa medida drástica. Mas se achar que os outros países o abandonarão, provavelmente hesitará até que seja tarde demais.

A coisa mais importante que as pessoas precisam compreender sobre a natureza das epidemias talvez seja que sua propagação em *qualquer* país põe em risco *toda* a espécie humana. Isso porque os vírus evoluem. Um vírus

como o corona tem sua origem em animais, como o morcego. Quando salta para os humanos, o vírus encontra-se inicialmente pouco adaptado aos novos hospedeiros. Replicando-se dentro de nós, pode sofrer mutações. A maior parte delas é inofensiva. Mas de vez em quando a mutação torna o vírus mais infeccioso e mais resistente ao sistema imunológico humano — e essa cepa mutante rapidamente se alastrará pela população humana. Como um único indivíduo pode hospedar trilhões de partículas virais que se replicam o tempo todo, cada pessoa infectada oferta ao vírus trilhões de novas oportunidades para se adaptar melhor aos humanos. Cada hospedeiro humano é como uma máquina de apostas que dá ao vírus trilhões de bilhetes de loteria — e, para prosperar, o vírus só precisa de um único bilhete premiado.

Não se trata de mera especulação. O livro *Crisis in the Red Zone*, de Richard Preston, descreve exatamente essa cadeia de eventos no surto de ebola de 2014. Tudo começou quando alguns vírus saltaram de um morcego para um humano. Esses vírus adoeceram gravemente as pessoas, mas ainda eram mais aptos a viver dentro de morcegos do que no corpo humano. O que fez com que o ebola passasse de uma doença relativamente rara para uma epidemia devastadora foi uma única mutação em um único gene de um único vírus que infectou um único ser humano, em alguma parte da região de Makona, na África Ocidental. A mutação permitiu a essa cepa do ebola — chamada de cepa Makona — conectar-se aos transportadores de colesterol das células humanas. No lugar do colesterol, os transportadores agora levavam o ebola para dentro das células. A nova cepa era quatro vezes mais infecciosa nos humanos.

Enquanto você lê estas linhas, talvez uma mutação semelhante esteja acontecendo em um único gene no coronavírus que infectou alguma pessoa em Teerã, Milão ou Wuhan. Se for o caso, trata-se de uma ameaça direta não apenas aos iranianos, italianos ou chineses, mas também à sua vida. O mundo todo compartilha um interesse crucial em não dar esse tipo de oportunidade ao coronavírus. E isso significa que devemos proteger todas as pessoas em todos os países.

Nos anos 1970, a humanidade conseguiu derrotar o vírus da varíola porque todas as pessoas em todos os países se vacinaram. Bastava que um único país não vacinasse sua população para que a humanidade inteira ficasse exposta ao perigo, pois, enquanto o vírus da varíola existisse e evoluísse em algum lugar do mundo, sempre poderia voltar a propagar-se *por toda parte*.

Na luta contra os vírus, a humanidade precisa vigiar suas fronteiras com cuidado. Mas não as fronteiras entre países. Precisa, antes, vigiar as fronteiras entre o mundo dos humanos e a esfera dos vírus. Há, no planeta Terra, uma abundância de vírus, e eles estão em constante evolução graças a mutações genéticas. Os limites que separam essa esfera viral do mundo humano passam por dentro do corpo de cada ser humano. Se um vírus perigoso consegue penetrar essa fronteira em algum ponto do globo, toda a espécie humana corre perigo.

No último século, a humanidade fortificou essa fronteira como nunca. Nossos sistemas de saúde modernos foram construídos para funcionar como muros ao longo dessa fronteira, e os enfermeiros, médicos e cientistas são os guardas que a patrulham, repelindo os intrusos. Contudo, longas seções da fronteira foram deixadas lamentavelmente expostas. Há centenas de milhões de pessoas ao redor do mundo sem acesso aos serviços mais básicos de saúde. Isso representa um risco para todos nós. Estamos acostumados a pensar nesse tema em termos nacionais, no entanto oferecer assistência médica a iranianos e chineses também ajuda a proteger israelenses e americanos contra epidemias. Essa simples verdade deveria ser óbvia para todos, mas, infelizmente, ela escapa até mesmo a algumas das pessoas mais influentes do mundo.

UM MUNDO SEM LÍDERES

Hoje, a humanidade enfrenta uma crise aguda não apenas por causa do coronavírus, mas também pela falta de confiança entre os seres humanos. Para derrotar uma epidemia, as pessoas precisam confiar nos especialistas, os cidadãos precisam confiar nos poderes públicos e os países precisam confiar uns nos outros. Nos últimos anos, políticos irresponsáveis solaparam deliberadamente a confiança na ciência, nas instituições e na cooperação internacional. Como resultado, enfrentamos a crise atual sem líderes que possam inspirar, organizar e financiar uma resposta global coordenada.

Durante a epidemia do ebola em 2014, os Estados Unidos atuaram como esse tipo de líder. Também desempenharam esse papel na crise financeira de 2008, quando se uniram a um número suficiente de países para evitar o colapso econômico global. Contudo, nos últimos anos, o país renunciou ao papel de líder global. O atual governo cortou o apoio a organizações internacionais como a Organização Mundial de Saúde e deixou bastante claro ao mundo que os Estados Unidos já não têm nenhum amigo de verdade, apenas interesses. Quando a crise do coronavírus eclodiu, o país permaneceu à margem e, até o momento, absteve-se de assumir o papel de líder. Ainda que possa vir a fazê-lo, a confiança no atual governo erodiu-se de tal forma que poucos países estariam dispostos a segui-lo. Você seguiria um líder cujo lema é “primeiro eu”?

O vazio deixado pelos Estados Unidos não foi preenchido por nenhuma outra nação. Pelo contrário. Xenofobia, isolacionismo e desconfiança agora caracterizam a maior parte do sistema internacional. Sem confiança e solidariedade globais não seremos capazes de parar a epidemia do coronavírus, e é provável que enfrentemos mais epidemias desse tipo no futuro. Mas toda crise é também uma oportunidade. Com sorte, a presente epidemia ajudará a humanidade a perceber o grave risco imposto pela desunião global.

Para citar um exemplo proeminente, a epidemia pode ser uma oportunidade de ouro para que os Estados Unidos reconquistem o apoio popular que perderam nos últimos anos. Se os membros mais afortunados da União Europeia enviassem, pronta e generosamente, dinheiro, equipamentos

e médicos para socorrer os seus colegas mais atingidos, isso provaria o valor do ideal europeu mais do que qualquer discurso. Se, por outro lado, cada país for abandonado à própria sorte, então a epidemia talvez represente a sentença de morte da união.

Neste momento de crise, a batalha decisiva trava-se dentro da própria humanidade. Se essa epidemia resultar em maior desunião e maior desconfiança entre os seres humanos, o vírus terá aí sua grande vitória. Quando os humanos batem boca, os vírus se multiplicam. Por outro lado, se a epidemia resultar numa cooperação global mais estreita, triunfaremos não apenas contra o coronavírus, mas contra todos os patógenos futuros.



OLIVIER MIDDENDORP

YUVAL NOAH HARARI nasceu em 1976, em Israel. É autor de *Sapiens: Uma breve história da humanidade* e de *Homo Deus*, best-sellers internacionais publicados em mais de 35 países. É ph.D. em história pela Universidade de Oxford e professor na Universidade Hebraica de Jerusalém.

Copyright © 2020 by Yuval Noah Harari

Publicado originalmente no site da revista Time, em 15 de março de 2020.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

In the Battle Against Coronavirus, Humanity Lacks Leadership

Capa

Alceu Nunes

ISBN 978-85-5451-711-3

Ilustração de capa

pockygallery/ Shutterstock

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras



BOLÍVAR LAMOUNIER

O IMPÉRIO DA LEI:
A VISÃO DOS
ADVOGADOS
SOBRE A JUSTIÇA
BRASILEIRA

BREVE COMPANHIA | ENSAIO

O império da lei

Lamounier, Bolívar

9788543807713

168 páginas

[Compre agora e leia](#)

Portadores da tradição do Direito Romano, os advogados tiveram um papel importante na construção do Estado Moderno. A partir do século XIX, eles se firmaram por toda parte como uma categoria profissional de grande prestígio. No Brasil, quer atuem no modesto cenário de um município distante ou numa das principais metrópoles, muitos deles conservam o antigo status e certa importância política. Mas, vista em conjunto, a categoria sofre o impacto de mudanças estruturais profundas. Devido à vertiginosa perda de qualidade do ensino jurídico e ao rápido aumento do número de bacharéis formados a cada ano, a profissão agigantou-se, a ponto de certos observadores falarem num processo de proletarização. Poderão esses novos "proletários" simbolizar, como faziam seus antecessores, os valores da liberal democracia? Essa é uma das indagações centrais deste estudo.

[Compre agora e leia](#)

DO AUTOR DE *SAPIENS* E *HOMO DEUS*

Yuval Noah
Harari



21 lições
para o século 21



COMPANHIA DAS LETRAS

21 lições para o século 21

Harari, Yuval Noah

9788554511326

432 páginas

[Compre agora e leia](#)

O novo livro do autor de *Sapiens* e *Homo Deus* explora as grandes questões do presente e o que podemos fazer para melhorá-lo.

Como podemos nos proteger de guerras nucleares, cataclismos ambientais e crises tecnológicas? O que fazer sobre a epidemia de fake news ou a ameaça do terrorismo? O que devemos ensinar aos nossos filhos?

Em *Sapiens*, Yuval Noah Harari mostrou de onde viemos; em *Homo Deus*, para onde vamos. *21 lições para o século 21* explora o presente e nos conduz por uma fascinante jornada pelos assuntos prementes da atualidade. Seu novo livro trata sobre o desafio de manter o foco coletivo e individual em face a mudanças frequentes e desconcertantes. Seríamos ainda capazes de entender o mundo que criamos?

[Compre agora e leia](#)



PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

TONI MORRISON
A FONTE DA AUTOESTIMA

A fonte da autoestima

Morrison, Toni
9788554516666
456 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma das escritoras mais célebres e reverenciadas de nossos tempos, Toni Morrison sempre foi uma hábil observadora do mundo. Em *A fonte da autoestima*, encontramos uma rica coletânea de textos sobre sociedade, cultura e arte.

As palavras de Toni Morrison são transcendentais não só em seus romances, mas também nas obras de não ficção. Neste livro, encontramos uma instrutiva reunião de seus ensaios e discursos mais importantes, como um texto sincero e comovente sobre sua busca pelo verdadeiro Martin Luther King Jr., um elogio emocionante a James Baldwin, uma oração ardente pelos mortos do 11 de setembro, entre outros.

A autora, que recebeu em 1993 o prêmio Nobel de literatura, analisa as linhas tênues que separam o estrangeiro, a mulher, o corpo negro e outros conceitos igualmente importantes para a sociedade contemporânea. Além disso, Morrison volta seu olhar crítico para o próprio trabalho — principalmente *Amada* — e o de outros importantes escritores negros.

Uma coletânea essencial para entender melhor o pensamento de uma das mulheres mais importantes do século XX, *A fonte da autoestima* brilha com a elegância literária e intelectual que fizeram de Toni Morrison a voz mais importante dos últimos anos.

"Se Toni Morrison fosse uma cantora, este livro seria sua principal música."
— *The New York Times*

"Mesmo sendo composto por textos escritos ao longo de quatro décadas, este livro fala diretamente à sociedade atual." — *NPR*

"Neste livro, Toni Morrison revela os segredos de seus romances." — *The Oprah Magazine*

"Textos poderosos e avassaladores de uma das maiores escritoras americanas." — *Kirkus Review*

[Compre agora e leia](#)

CHIMAMANDA
NGOZI ADICHIE

SEJAMOS
TODOS
FEMINISTAS


COMPANHIA DAS LETRAS



Sejamos todos feministas

Adichie, Chimamanda Ngozi

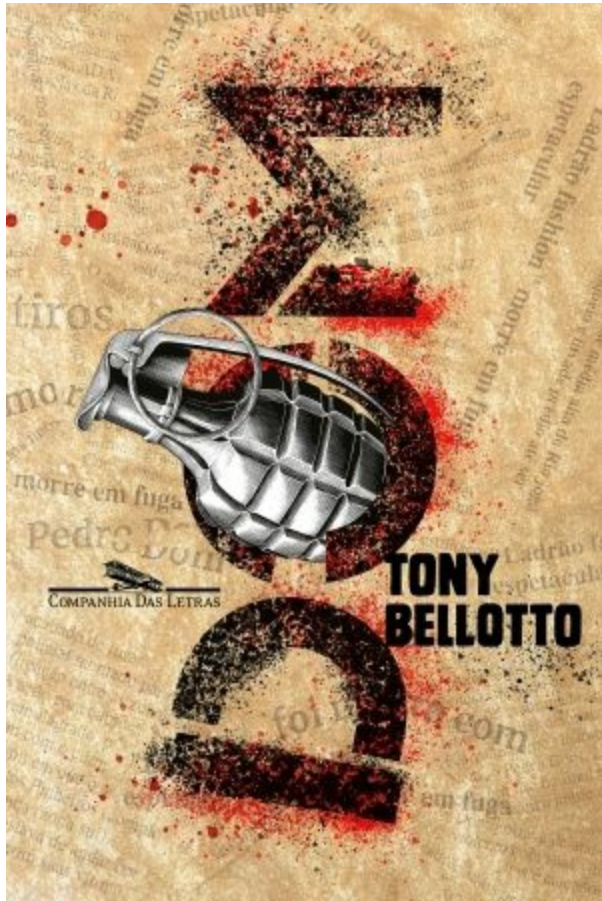
9788543801728

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que significa ser feminista no século XXI? Por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres? Eis as questões que estão no cerne de *Sejamos todos feministas*, ensaio da premiada autora de *Americanah* e *Meio sol amarelo*. "A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente." Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente da primeira vez em que a chamaram de feminista. Foi durante uma discussão com seu amigo de infância Okoloma. "Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: 'Você apoia o terrorismo!'" Apesar do tom de desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e — em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "anti-africanas", que odeiam homens e maquiagem — começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens". Neste ensaio agudo, sagaz e revelador, Adichie parte de sua experiência pessoal de mulher e nigeriana para pensar o que ainda precisa ser feito de modo que as meninas não anulem mais sua personalidade para ser como esperam que sejam, e os meninos se sintam livres para crescer sem ter que se enquadrar nos estereótipos de masculinidade.

[Compre agora e leia](#)



**TONY
BELLOTTO**

Dom

Bellotto, Tony
9788554516819
344 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em seu novo romance, Tony Bellotto narra a história alucinante de Pedro Dom, jovem de classe média que se tornou chefe de uma quadrilha de roubo de residências no Rio de Janeiro dos anos 2000.

Para sustentar o vício em cocaína ou simplesmente pela emoção, Pedro Dom passou a roubar. Nascido em 1981 numa família carioca de classe média, aos vinte anos ele já era um assaltante procurado. No romance, Tony Bellotto conta não apenas a trajetória de um jovem fora da lei — desde a adolescência até sua morte em 2005, aos 23 anos, quando foi baleado pela polícia —, mas a história de um país marcado por profundas desigualdades sociais, de uma guerra às drogas que parece infinita, de uma máquina estatal cujos agentes corruptos rivalizam com aqueles que já perderam ou estão prestes a perder as esperanças. À medida que descortina o panorama dramático da vida de Pedro, em especial sua relação com o pai — um agente da polícia aposentado que durante anos trabalhou no combate ao tráfico e fez parte do Esquadrão da Morte na ditadura —, a narrativa de Bellotto alcança um ritmo vertiginoso, de impacto profundo.

[Compre agora e leia](#)